

Recebido em: 14-09-2018

Aceito em: 13-11-2018

BIBLIOTERAPIA COMO RECURSO PARA A FORMAÇÃO HUMANA DO BIBLIOTECÁRIO

Carla Sousa¹

Resumo: Neste artigo, abordo o tema da Biblioterapia, entendida como o cuidado com o ser humano por meio das histórias literárias, no contexto da formação humana com destaque para o profissional de Biblioteconomia. Apresento o conceito de Educação humanizadora de Paulo Freire e do papel da literatura enquanto recurso humanizador. Destaco algumas iniciativas de universidades brasileiras que incluem a Biblioterapia nos cursos de Biblioteconomia e concluo que a Biblioterapia é um recurso útil para a formação humana do bibliotecário.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura terapêutica. Bibliotecário-formação profissional.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioterapia, entendida como o cuidado com o desenvolvimento do ser humano por meio da leitura, narração e dramatização de histórias (CALDIN, 2010), é uma prática que envolve a utilização da literatura ficcional como meio de explorar diversos aspectos dos seres humanos. Uma prática que contribui para o bem-estar dos indivíduos e o aprendizado sobre aspectos da vida e do mundo.

A Biblioterapia se divide em dois tipos distintos, a Biblioterapia de Desenvolvimento ou Educacional, que pode ser praticada por bibliotecários, professores e pedagogos, e a Biblioterapia Clínica, que só deve ser exercida por profissionais da saúde, especificamente psicólogos e psicoterapeutas. Por ora, dedicarei especial atenção ao primeiro tipo.

Neste artigo, fundamentado numa pesquisa bibliográfica, irei abordar como a Biblioterapia de Desenvolvimento pode ser útil na formação humana dos bibliotecários. Parto do princípio de que a Educação, de uma maneira geral, tem apresentado uma tendência muito tecnicista, voltada para aspectos técnicos da formação profissional e dispensando pouca atenção ao lado sensível – e por que não dizer: humano? - do indivíduo. A utilização do potencial terapêutico da literatura, por meio do estudo e da prática da Biblioterapia, se apresenta como uma possibilidade de ferramenta útil no sentido de desenvolver aspectos mais humanos e um olhar sensível do bibliotecário para si e para o outro.

¹ Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC). E-mail: carla_sou@hotmail.com



2 EDUCAÇÃO E PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

Nos tempos atuais, a tecnologia e o culto à racionalidade prevalecem como marcas da modernidade, especialmente no que diz respeito à formação do ser humano por meio da Educação, desde os primeiros anos de escola até a universidade. Por conta disso, percebe-se a necessidade da busca de equilíbrio a partir da ênfase em outros aspectos que é próprio do humano, tais como a sensibilidade proporcionada pela experiência estética do contato com as artes, em todas as suas formas, incluindo a literatura.

Para Freire (1987), a Educação tem papel fundamental na realização da vocação ontológica dos seres humanos que é humanizar-se. E é por meio dela - vista como um processo de libertação - que os indivíduos poderão reconhecer-se como tal. Nesse sentido, Freire (1987) define o educador humanista como aquele que estimula a capacidade criadora que cada um traz em si. Para tanto, o foco do modelo de Educação em Freire é o ser humano.

Ecco e Nogaró (2015, p. 3526) valendo-se da visão freiriana, afirmam que “uma educação autêntica promove a dignidade das pessoas, esperançosa de que vivam humanamente, isto é, que sejam capazes de fazerem-se, construírem-se, inventarem-se, desenvolverem-se”, isso porque, defendem os autores: “não nascemos prontos, acabados, satisfeitos. E essa condição, do homem e da mulher de nascerem não feitos, exige que, ambos, aprendam a ser gente, a constituírem-se humanos”.

Percebe-se que na contramão de pontos de vistas como aquele defendido por Freire (1987), a Educação tem tomado outros rumos, os quais estão mais em consonância com as necessidades da sociedade contemporânea. Segundo Fromm (1969, p. 54-55, grifos do autor), esse modelo de sociedade:

Reduz o homem a um apêndice da máquina, governado pelo próprio ritmo e exigências. Ela o transforma no *Homo consumens*, o consumidor total, cuja única meta é ter mais e usar mais. Essa sociedade produz muitas coisas inúteis e, no mesmo grau, muita gente inútil. O homem, como um dente de engrenagem da máquina de produção, torna-se uma coisa e deixa de ser humano.

Essa preocupação foi apresentada pelo o autor em meados da década de 60, e de lá para cá essa tendência vem solidificando cada vez mais e apresenta-se como uma das grandes questões norteadoras do pensamento de teóricos contemporâneos, a exemplo da filósofa norte-americana Martha Nussbaum.

Para Nussbaum (2015, p.3-4), a sociedade vive uma “crise mundial da educação” que “como um câncer passa em grande parte despercebida”, esse quadro, segundo ela, põe em risco a democracia, na medida em que a grande preocupação dos governos é produzir máquinas lucrativas – como aponta Fromm – e não “cidadãos íntegros que possam pensar por si próprios, criticar a tradição e entender o significado do sofrimento e das realizações dos outros”.

Diante de tal realidade, existe uma saída possível? Para Fromm (1969, p.106), a Humanização de todo o sistema seria a solução, “de tal forma que sirva ao bem-estar e desenvolvimento do homem ou, em outras palavras, ao seu processo vital”. Em se tratando da Educação ele advoga que é preciso “mudar suas condições, e essa mudança só pode ocorrer se a cisão entre a experiência emocional e o pensamento for substituída por uma nova unidade do coração e da mente” (FROMM, 1969, p. 125).

O pensamento de Schiller (2014, p. 46) também segue nessa direção ao defender que “não é suficiente, pois, dizer que toda a ilustração do entendimento só merece respeito quando reflui sobre o caráter; ela parte também, em certo sentido, do caráter, pois o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração”; dito isso e diante do atual contexto, ele conclui que “a formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época”.

É exatamente diante do quadro que Fromm (1969) descreve em que o homem torna-se apenas peça de uma máquina ou coisa dentro do sistema, que Schiller (2014) chama a atenção para a necessidade urgente de valorizar o aspecto do sensível nos seres humanos, reforçando a importância do equilíbrio das duas forças que ele vai chamar de impulso sensível e impulso formal.

Segundo Schiller (2014, p. 69), o ser humano não pode experimentar “sua humanidade no sentido mais pleno: enquanto satisfaz apenas um destes impulsos ou os dois sucessivamente”, pois, “enquanto apenas sente fica-lhe oculta a sua pessoa ou sua existência absoluta, e, enquanto apenas pensa, fica-lhe oculta a sua existência no tempo, ou seu estado”, é na expressão dessas suas forças que o ser humano consegue ter a “intuição plena de sua humanidade”.

Esse jogo entre os dois impulsos, o sensível e o formal, é definido como: impulso lúdico. Para o autor: “quando as duas qualidades se unificam, o homem conjuga a máxima plenitude da existência à máxima independência e liberdade, abarcando o mundo, em lugar de nele perder-se” (SCHILLER, 2014, p. 64).

Proporcionar ao ser humano a oportunidade de expressar tais qualidades e, dessa forma, exercitar a sua humanidade seria um dos papéis da Educação humanizadora. A arte se apresenta como uma estratégia útil para tal finalidade. Segundo Nussbaum (2015, p. 95), os cidadãos “não conseguem se relacionar de maneira adequada com o mundo complexo que os rodeia unicamente por meio do

conhecimento factual e da lógica”. Nesse sentido, a literatura, vista sob o ponto de vista da Biblioterapia, se apresenta como um meio eficaz para o exercício da humanidade e formação humana dos profissionais.

3 A BIBLIOTERAPIA E O A FORMAÇÃO HUMANA DO BIBLIOTECÁRIO

Para Candido (2011, p. 177) a literatura vem a ser uma maneira eficaz de humanizar o próprio homem, em suas palavras a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade”. Para o autor, humanização vem a ser:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2011, p. 182).

Um exemplo de uma experiência inovadora com o uso da literatura no contexto da Educação com o propósito de desenvolvimento humano, ou de humanização, é o trabalho que o professor Dante Gallian vem comandando na Escola Paulista de Medicina (EPM) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), o chamado Laboratório de Humanidade (LabHum).

O LabHum foi criado em 2003 com o propósito de contribuir com a formação humanística dos estudantes da área da saúde tendo como metodologia a leitura dos clássicos da literatura e o compartilhamentos das impressões e emoções suscitadas pelos textos, atividade de caráter humanizador na medida em que, explica Gallian (2017, p. 51): “se fundamenta numa experiência estético-reflexiva e não num processo técnico-cognitivo, como é comum observarmos na maioria das propostas existentes no cenário contemporâneo”. Ainda segundo Gallian (2017, p. 82-83):

Neste contexto de embotamento afetivo e moral em que estamos vivendo, a literatura se ofereceria como um meio – alguns dirão até mesmo o único – de nos reencontrarmos com as fontes humanas da nossa existência e nos humanizarmos.

[...] Ao oferecer um conhecimento diferente do conhecimento convencional ou científico, ela possibilita compreender os comportamentos e motivações humanas de uma forma mais ampla e profunda, que vai além da visão algorítmica e que incorpore a emoção, a empatia e a intuição.

É com base nessa capacidade humanizadora da literatura que defende-se a prática da Biblioterapia como meio de promover uma formação mais humana dos bibliotecários. Entende-se por Biblioterapia o cuidado com o desenvolvimento do ser humano por meio da leitura, narração e dramatização de histórias (CALDIN, 2010).

No que diz respeito à Biblioterapia de Desenvolvimento, Witter (2004, p.181) afirma que ela favorece aspectos variados dos seres humanos “que vão do conhecimento de si mesmo ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas tais como a cidadania, cognição, memória, afetividade, etc.”.

No contexto da Biblioterapia, parte-se do princípio de que, como bem explica Todorov (2009, p. 32), as pessoas leem literatura “para nela encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência”, pois, “ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo”.

De que forma a Biblioterapia explora esse potencial da literatura? A prática da Biblioterapias e fundamenta no encontro da pessoa, ou de um grupo de pessoas, com um texto literário, seguido do compartilhamento dos pensamentos e sentimentos suscitados por ele (CALDIN, 2010). No entanto, esse trabalho requer, segundo Caldin (2010), um cuidado especial com a escolha do texto, que deve ser rico em elementos metafóricos que possam provocar a catarse, a identificação e a introspecção. Além disso, cada encontro com a história é mediado por um facilitador, chamado de aplicador de Biblioterapia, como define Caldin (2010), o qual precisa ter algumas características, dentre elas: empatia, saber escutar o outro, ser flexível, ter boa saúde física e psicológica, bom caráter, conhecimento de textos literários e embasamento teórico.

Outro elemento muito importante na prática da Biblioterapia é a interação, a qual ocorre em vários níveis, seja entre o texto e o indivíduo, ou entre os próprios participantes da atividade. O diálogo é uma das formas de interação mais estimuladas nesses encontros, pois acredita-se que “acontece com frequência que a palavra do outro ativa o nosso universo psíquico e nos transmite emoções que sentimos em nós mesmos” (OUAKNIN, 1996, p.15).

Nesse sentido, acredito ser importante incluir na formação dos bibliotecários práticas que enfatizem essa dimensão humanizadora da literatura. Seja por meio da oferta de disciplinas ou de projetos e cursos de extensão que despertem o interesse do futuro bibliotecário pelo estudo e pela prática da Biblioterapia.

Uma iniciativa pioneira que vem contribuindo para ampliar a difusão da temática no Brasil especialmente no âmbito da Biblioteconomia é a disciplina de Biblioterapia ofertada no curso de graduação de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada pela professora Clarice Fortkamp Caldin. Desde 2003, a Biblioterapia faz parte da grade curricular como disciplina optativa, sendo ofertada anualmente com uma carga horária de 36 horas/aula. Antes, porém, a docente havia ofertado curso na área para os estudantes, o que despertou o interesse deles e motivou a oferta da disciplina (CALDIN, 2005).

Ao longo desses 15 anos, a disciplina vem sendo ofertada ininterruptamente no curso de Biblioteconomia da UFSC. E, em algumas ocasiões, chegou a ser ofertada duas turmas num mesmo semestre por conta a grande procura dos alunos. Em entrevista publicada na Revista ACB, a professora responsável pela disciplina afirma: “os alunos têm uma sede de sair um pouco da parte técnica da Biblioteconomia” (SOUSA, 2018, p. 350). Nesse contexto, eles acabam recorrendo à disciplina de Biblioterapia e lá têm a possibilidade de encontrar algum tipo de refúgio.

A professora Clarice Caldin conta que: “alguns alunos que cursaram a disciplina ainda me encontram na rua e dizem que aquela disciplina mudou a vida deles” (SOUSA, 2018, p. 350). Como foi o caso de uma aluna que a docente recorda que era uma pessoa muito tímida e apesar de já trabalhar na biblioteca ela não se sentia confortável para atender aos usuários. Após cursar a disciplina, ela conseguiu ter mais tranquilidade para compreender a necessidade de seu público, aprendeu a ouvir e interagir de maneira mais natural com as pessoas. “Quando o bibliotecário tem que trabalhar no Serviço de Referência e precisa interagir com o público é preciso desenvolver algumas habilidades. E a Biblioterapia ajudou no caso dessa aluna” (SOUSA, 2018, p. 350), explica a docente.

Por ser uma disciplina de caráter mais humano e social, e ainda por privilegiar a prática, além da teoria, a Biblioterapia possibilita o contato dos alunos com diferentes públicos e realidades muitas vezes diversas o que contribui para a ampliação da sua perspectiva de mundo. Isso porque o plano de ensino da Biblioterapia na UFSC prevê que ao final como forma de avaliação os discentes desenvolvam uma atividade biblioterapêutica em diferentes espaços e instituições.

Ao longo desses 15 anos, os alunos já executaram atividades em hospitais, escolas, creches, abrigos, asilos, condomínios, bibliotecas, dentre outros, contemplando públicos de diversas faixas etárias. Além disso, a metodologia utilizada na disciplina possibilita que os estudantes possam entrar em contato com diferentes habilidades, que muitas vezes não são exercitadas nas demais disciplinas do curso. Como afirma a professora Clarice: “Na hora de por em prática eles assumem a personagem. E aparecem dotes artísticos que nem mesmo eles sabiam que tinham” (SOUSA, 2018, p. 350). E foi exatamente isso que

aconteceu com a bibliotecária e contadora de histórias, Felícia Fleck, que ao cursar a disciplina de Biblioterapia despertou para a possibilidade de seguir a carreira artística e a partir daquele momento buscou se especializar na arte de contar histórias, tornando-se uma referência na área.

A oferta da disciplina de Biblioterapia no curso de Biblioteconomia da UFSC e a dedicação da professora Clarice Fortkamp Caldin para dar visibilidade à temática merecem destaque pela consistência do trabalho que vem sendo realizado há mais de uma década. No entanto, outras iniciativas pontuais *vêm* sendo tomadas por docentes de cursos de Biblioteconomia em outros estados. A exemplo da professora Edna Gomes Pinheiro, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Eventualmente a professora trabalha com a temática da leitura terapêutica na disciplina de Tópicos Especiais. No entanto, a disciplina não faz parte do projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia dessa universidade e foi ofertada pela última vez em 2015.

Mesmo sem manter a Biblioterapia como temática de sala de aula, a professora Edna coordena projetos nessa área, a exemplo do projeto de extensão ‘Biblioterapia para velhos jovens/idosos: envelhecer é viver e nada mais’ desenvolvido no abrigo da Associação Metropolitana de Erradicação – AMEM, em João Pessoa. O projeto foi realizado de maio a dezembro de 2016 e envolveu professores e alunos do curso de Biblioteconomia da UFPB.

Já na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) a professora Marília Amaral Mendes Alves vem coordenando algumas iniciativas importantes na difusão e inclusão da Biblioterapia na formação de futuros bibliotecários. No primeiro semestre de 2016 ela trabalhou a temática da Biblioterapia em uma disciplina optativa intitulada ‘Tópicos especiais em temas contemporâneos – Biblioterapia’. Da mesma forma que ocorre na UFPB, o programa do curso de Biblioteconomia ainda não contempla o assunto em uma disciplina específica. Sendo assim, os professores criam meios de oferecer aos alunos a oportunidade de entrar em contato com a temática.

Devido ao grande interesse dos estudantes e a fim de dar continuidade ao aprendizado iniciado na disciplina, no segundo semestre de 2016, a professora Marília da Unirio desenvolveu um projeto de extensão intitulado ‘Biblioterapia em Rede’. O objetivo do projeto foi criar um espaço virtual onde pudesse agregar e disponibilizar conhecimento teórico e prático de profissionais que trabalham com Biblioterapia. Essa primeira etapa do projeto foi finalizada em dezembro de 2016.

Segundo relato da professora da Unirio, o interesse e a participação dos alunos nas atividades relacionadas à Biblioterapia tem crescido. Para ela, esse envolvimento “ocasionou a melhoria na convivência entre os alunos e atendimento às suas necessidades psicológicas e sociais”, e diante disso, ela afirma: “o que persiste em se reafirmar é a intensidade possível do contágio pela literatura, e suas

implicações positivas nas vivências individual e social” (ALVES, 2017, p. 2073). Experiência que confirma a relevância da inclusão da Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário.

Percebe-se que apesar da importância da oferta da Biblioterapia nos cursos de Biblioteconomia, ainda é pequeno o número de docentes do curso que levam a temática para a sala de aula. Isso se deve, sobretudo, ao caráter tecnicista da formação dos bibliotecários, característica que Pizarro (2017, p. 232) confirma na sua pesquisa de doutorado, que abrangeu como entrevistados os docentes dos cursos presenciais de graduação em Biblioteconomia de Santa Catarina.

Pizarro (2017, p. 232) constatou que a “prevalência de um modelo tecnicista importado da escola estadunidense, ainda se faz presente até os dias atuais” e que tal característica “compromete sua capacidade política de dialogar com humanidade entre sujeitos que dividem o mesmo espaço”.

Apesar de dizer respeito à realidade particular da formação de bibliotecários em Santa Catarina, esse é um dado que não pode ser ignorado e que pode apontar para uma direção que os demais cursos de Biblioteconomia ofertados nas universidades brasileiras podem estar tomando. Daí a necessidade da inclusão de disciplinas como a Biblioterapia que abordem o caráter mais humano na formação dos bibliotecários.

A grande demanda dos próprios estudantes de Biblioteconomia pela disciplina de Biblioterapia foi apontada tanto pela professora da UFSC, Clarice Fortkamp Caldin, quanto pela docente da Unirio, Marília Amaral Mendes Alves. Só esse dado já aponta para uma direção que não pode ser perdida de vista. Aponta para o fato de que é vital que a educação e a formação profissional contemplem os diversos aspectos dos seres humanos, não deixando de lado aquilo que é humano e sensível em detrimento da técnica e do mercado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar no sentido de humanizar é tarefa urgente, na medida em que observamos uma forte tendência tecnicista no âmbito da Educação, enfatizando o aspecto racional em detrimento de outros e não contemplando, dessa forma, o ser humano em sua totalidade. Por isso, e diante do que foi apresentado, defendo que a prática da Biblioterapia pode ser muito útil na formação humana dos bibliotecários.

Possibilitar o estudo e a prática da Biblioterapia ao longo da graduação dos cursos de Biblioteconomia é uma maneira de criar espaços de contato com o sensível dentro de um curso que tem apresentado características cada vez mais técnicas, priorizando os aspectos de gestão dos espaços



informacionais e tratamento da informação, em detrimento da atenção e do cuidado dispensado às pessoas que buscam tais informações e aos próprios profissionais que se ocupam dela.

O contato com o potencial terapêutico da literatura por meio da Biblioterapia possibilita não só o vislumbre de mais uma área de atuação para os futuros bibliotecários, mas também a aproximação com a leitura de literatura vista sob uma nova perspectiva, que muitas vezes pode despertar o lado sensível do estudante e proporcionar reflexões e sentimentos.

Experiências como estas possibilitam não só o despertar da humanização no sentido pessoal dos futuros bibliotecários, mas também na esfera do coletivo, contribuindo para uma sociedade mais humana a partir do exercício da empatia, do afeto e da escuta.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. A. M. Biblioterapia: uma experiência inovadora no curso de Biblioteconomia da Unirio. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, 2017. Disponível em: <<http://www.brapi.inf.br/v/a/28363>>. Acesso em: 05 maio 2018.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, Lima, n. 21-22, jan. / ago. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16102202>>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. **A educação em Paulo Freire como processo de humanização**. In: EDUCERE CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 22, 2015, Curitiba, **Anais...** Curitiba. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf. Acesso em: 05 jan. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FROMM, Erich. **A revolução da esperança: por uma Tecnologia Humanizada**. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.
- GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma**. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: M. Fontes, 2015.
- OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.



PIZARRO, Daniella Camara. **Entre o saber-fazer e o saber-agir: o que professam os docentes de biblioteconomia em Santa Catarina.** 2017. 535 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PCIN0167-T.pdf>

SOUSA, Carla. Entrevista: Clarice FortkampCaldin. Revista ACB, [S.l.], v. 23, n. 2, p. 347-353, jul. 2018. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1502>>. Acesso em: 14 set. 2018.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem.** São Paulo: Iluminuras, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em perigo.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: _____. (Org.). **Leitura e psicologia.** Campinas: Alínea, 2004. p. 182-198.

